

## Os Conhecimentos Anatômicos dos Índios — Tupís-Guaranís —

Como a sua terapêutica, igualmente notáveis eram os conhecimentos anatômicos do índio brasileiro.

Espírito observador por excelência, dirão alguns, não admira que assim fosse, já que únicamente o preocupavam os elementos do mundo exterior, mais conformes com a sua predisposição psíquica, sumamente concretizante, no que, por sinal, não difere dos outros povos naturais.

Lógicamente, nada teríamos a objetar a semelhante juízo, não fôra, por outro lado, o imenso vocabulário, referente à parte interna de nossa constituição orgânica, o que, também, denuncia incomum poder criador.

Decorrencia direta das operações dissecativas, a que os índios submetiam os cadáveres dos prisioneiros, nos célebres ritos antropofágicos, apresentam, tais conhecimentos, além da referida acuidade de designativa, a particularidade do termo adequado, quando ainda o não havia em português, ou mal se lhe determinava o emprêgo.

É que, como era regra geral entre os europeus de então, a ciência anatômica apenas ensaiava os primeiros passos, donde o conservar-se muito aquém do empirismo brasileiro. E não vai nisso nenhuma intenção preconcebida de realçar os dotes intelectuais do ameríndio. Ninguém ignora que a verdadeira ciência anatômica, no sentido moderno ou experimental, só firmou pé nos fins do século XVI, após as profícias investigações de um Vesálio. Agora, avalie-se qual não seria o seu estado nos países menos favorecidos, como os da Ibéria, que não souberam recolher a herança do mouro, nem imprimir-lhe um rumo mais efetivo, consentâneo com as últimas obtenções e aquisições da ciência daquela época.

E é ante êsse aspecto paradoxal das duas culturas, que a nossa admiração se transmuda em espanto, levando-nos à aceitação inconteste do relativismo cultural, como condição precípua de qualquer conceito de valor.

Mas, se tão grande é a importância que se deve atribuir a essa faceta do mundo cultural, infelizmente pequeno é o número de estudiosos que a ela se têm dedicado, sendo de notar a ausência quase absoluta de monografias a respeito.

Existem, é verdade, excelentes escritos, como o que, à guisa de anotações ao texto dum livro de Martius, realizou o sr. Pirajá da Silva (Ver pags. 217 e 271 de "Natureza, Doenças, Medicina e Remédio dos Índios do Brasil", de Carlos von Martius. - Cia. Editora Nacional, 1939, S. Paulo) e o clássico "Vocabulário de Pero Castilho, reimpresso por Plínio Ayrosa.

O material aí coligido é realmente de causar assombro, pois estende-se da osteologia ao sistema nervoso, e do muscular e vascular ao respiratório, sem falarmos ainda, além do digestivo, no gênito-urinário.

Assim, osso em geral tinha o nome de canga, reservando-se o de acanga para o crânio, enquanto que por arucanga tra-

duziam as costelas. Tendibã era o mento, muçuã - o esterno e iibacanga - o cíbito. Binhuã correspondia a artelho, tanto quanto mitá a calcâneo.

... Atyba é identificado como o temporal, gibá canga, o frontal.

Poderíamos citar, ainda, dois outros: iibapecanga e tetimã canga. São seus equipolentes em português: omoplata e tibia.

Agora, se do sistema ósseo passarmos ao nervoso, verificaremos, novamente, a mesma exuberância terminológica. Nervo em geral é taijica, tãi ou çagica. Apitiúma corresponde ao que chamamos cérebro, e aputiumaoba traz a acepção de dura-mater.

Quanto ao muscular, as seguintes palavras bastarão para deleitar os bisonhos arianistas mestiços de nossa pátria: iibai-paiaya não é mai que o bíceps, e iibapoá-aiaya, o mesmo na região da coxa (crural), ao passo que nhiaçama significa os músculos do coração.

No vascular e circulatório, distinguiam as veias das artérias. As primeiras eram ajura ou taica, denominando-se cajica oqú as últimas. O sangue levava o nome de tugui, e nhiaã, piá expressava o substantivo coração. Em relação ao respiratório, lembraremos myábibuyá, pulmão.

Desenvolvimento digno de menção demonstra o digestivo de par com o gênito-urinário. Dest'arte, logo, ao primeiro lance, deparamos com os vocábulos: tiurú, estômago, perê, baço, piá upiá, bille, piá-mbiá, fígado, tiguê poi, intestinos, jurú, boca, aceocaia, úvula, apecu, língua, tayá, dentes, têrmos todos do primeiro dos referidos sistemas.

Para o segundo, temos: piriçuytyi, rins, tirirú, bexiga, ajurú, uretra, pitangurú ou membinhemonhangá, útero, e ibiyã, entranhas.

O mesmo é lícito dizer dos órgãos dos sentidos. Pondo de lado o que se refere à gustação, encontramos: nambí, orelha, apicá, conduto auditivo, tí, nariz, tecá, olhos, jybã, braço, bô(pô), mão e timã, perna.

(Conclue na página 19)